

# A interação entre pesquisador e dados: implicações para a constituição da sensibilidade teórica na Grounded Theory

## *The interaction between researcher and data: implications for the constitution of theoretical sensitivity in the realm of Grounded Theory*

**Luciana Moretti Fernández**  
morettif.luciana@gmail.com

Pesquisadora, membro do grupo Compol (ECA – USP) e doutoranda em Ciências da Comunicação na Universidade de São Paulo – USP. Mestre em Ciências da Comunicação – USP, Bacharel em Comunicação Social pela Universidade Complutense de Madrid e habilitação em Psicologia pela UNED, Espanha.

### Resumo

Tendo como fio condutor a abdução como método de inferência na Grounded Theory, este artigo oferece uma articulação entre a concepção de subjetividade-rede em Rorty e o fluxo do pensamento como sucessão congruente de mudanças de estado em Peirce, buscando oferecer reflexões sobre como o pesquisador, inserido na situação de pesquisa e em comunicação com os dados, pode ser sujeito condutor do processo empírico e interpretativo que lhe permitirá formular teorias conceituais e fundamentadas.

**Palavras-chave:** sensibilidade teórica, método abduutivo, subjetividade-rede.

### Abstract

Having abduction as a common thread to inference in the realm of Grounded Theory, this paper discusses the conception of selfhood as a web in Rorty and the flow of thought as a congruent succession of changes of state in Peirce. The aim is to present a reflection on how the researcher, as part of the situation of inquiry and in communication with the data, becomes the guiding subject in the empirical and interpretative process in such a way that formulating conceptual and grounded theories is possible.

**Keywords:** theoretical sensitivity, abductive method, selfhood as a web.

## Introdução

A discussão proposta neste artigo trata da interação entre pesquisador e dados, apresentando as reflexões que acompanharam a especificação do problema e a busca de soluções metodológicas em minha pesquisa sobre a expressão da violência política na esfera pública como fenômeno de comunicação política. O texto tem como fio condutor a abdução como processo de inferência, onde hipóteses provisórias são formuladas a partir dos efeitos experimentados pelo pesquisador para depois serem submetidas a novas experiências e conjecturas.

Apresentarei primeiramente como se deu a formulação do problema, a especificação da área substantiva e a escolha da Grounded Theory<sup>1</sup> como método, para depois oferecer uma articulação entre a concepção de subjetividade-rede em Rorty e o fluxo de pensamento em Peirce, assumindo com os dois autores a ideia de Bain de que crenças são regras para a ação. Ao longo do artigo, proponho reflexões sobre como a identificação de efeitos e propósitos pode servir ao pesquisador para que possa se

<sup>1</sup> A tradução cunhada em português para Grounded Theory é Teoria Fundamentada nos Dados. Utilizo aqui o termo original em inglês por ser a forma mais amplamente divulgada.

situar como sujeito condutor do processo de inferência, num movimento recursivo que conduz a uma vinculação cada vez maior com o contexto, desenvolvendo-se, assim, uma sensibilidade teórica empiricamente enriquecida e enraizada nos dados.

Na última parte do texto, ofereço breves exemplos extraídos do material utilizado em minha pesquisa como amostra dos desafios que materiais fortemente apelativos impõem, principalmente na comunicação mediada, que não possibilita verificações *ad hoc* na interação com o interlocutor. Os exemplos são apresentados tendo a abdução como condutor dos movimentos e contatos entre o pesquisador como sujeito e os efeitos nomeados a partir dos dados.

### Delimitação da área substantiva e a Grounded Theory como aproximação metodológica

O disparador para a formulação do problema em minha pesquisa foi a surpreendente articulação entre as ruas e um *comando* interno aos muros das prisões nos ataques do PCC à cidade de São Paulo em 2006 (Adorno e Sala, 2007). As indagações sobre como a ação criminosa se transmuta para assumir formatos típicos da violência política estratégica exigiam um conjunto de dados que oferecesse pistas sobre a construção de uma disposição para engajamento (Matos, 2009) e a manutenção de um comando “sem comando” (para o PCC como movimento, ver Biondi, 2010).

Partindo da ideia de que a violência prolongada produz efeitos políticos e assume as características de violência política, foram selecionados como conjunto de dados inicial vídeos de *funk* “proibidão” de apologia do crime<sup>2</sup>. Esses vídeos, produzidos no e para o *mundo do crime* – entendido como “conjunto de códigos e sociabilidades em torno dos negócios ilícitos do narcotráfico, dos roubos e furtos” (Feltrán, 2008) –, dão visibilidade à comunicação periférica, aos discursos e narrativas que circulam na guerra do tráfico, nas disputas entre grupos, no mundo dos roubos e furtos, na guerra contra a polícia e na distinção entre esse mundo e o que não lhe pertence.

Os relatos contidos nesses vídeos dão visibilidade também aos argumentos e elementos que incitam ao engajamento no mundo do crime como forma de vida, bem como na ação violenta como componente da atividade econômica ilícita, e como um caminho para a visibilidade. A expressão dessa complexidade das subjetividades possíveis em formas de vida clandestinas é abordada como inserida num contexto de violência prévia e prolongada,

<sup>2</sup> O proibidão de apologia do crime configurou-se como subgênero do *funk* carioca depois da proibição dos bailes com a Lei do Funk (Lei nº 3410, publicada em 29 de maio de 2000, depois da CPI do Funk).

com efeitos políticos, deixando entrever um fenômeno de comunicação política.

A opção pela Grounded Theory como abordagem metodológica deu-se ao longo das primeiras observações desses vídeos por oferecer subsídios para lidar de maneira sistemática e fundamentada com um assunto complexo, controverso e sujeito a pressões morais, éticas, materiais, simbólicas e psicológicas. Um assunto assim imbricado requer uma postura vigilante mas também aberta, que permita que o fenômeno se mostre com suas incoerências, silêncios, feiuras, apelos. Um desenho prévio que circunscrevesse a análise a uma amostra definida *a priori* por critérios técnicos incorreria de antemão em riscos de simplificação e desvio.

A solução veio através da articulação de princípios e ferramentas. Admitindo a total impossibilidade de neutralidade e sabendo que afetos, crenças teóricas, teorias ingênuas, cognições e experiências biográficas entrariam em contato com os conteúdos, optei por revisões da Grounded Theory que assumem explicitamente a inclusão do pesquisador na situação e o método abduutivo como procedimento de inferência, nomeadamente as revisões construcionista de Charmaz (2006) e pós-moderna de Clarke (2005). A construção empírica da situação de pesquisa com os mapeamentos propostos por Clarke na Análise Situacional proporcionou o contorno para o processo inferencial e para a vigilância dos efeitos da interação sobre o pesquisador.

### Sensibilidade teórica: o fio condutor na Grounded Theory

A Grounded Theory surge como crítica à ênfase que as Ciências Sociais deram às etapas de validação de hipóteses e teorias, deixando em segundo plano as etapas anteriores do processo nas quais os problemas são articulados e as hipóteses formuladas (Glaser e Strauss, 1967). Com raízes no Interacionismo Simbólico, na Sociologia de Chicago e na Filosofia Pragmatista, as primeiras teorias fundamentadas foram desenvolvidas por Glaser e Strauss a partir de meados da década de 1960. Como método, persegue a formulação de teorias conceituais enraizadas nos dados, que sejam articuladas, e não formulações meramente descritivas. O produto é “um conjunto de conceitos cuidadosamente fundamentados e organizados em torno de uma categoria central, integrados em uma hipótese” (Glaser, 2004).

A forma lógica subjacente não está relacionada à verdade fundamental e nem à probabilidade estatística, mas à probabilidade de que a explicação formulada seja a melhor para o fenômeno. Isso conduz a uma prática na qual a amostragem, a análise dos dados e a articulação teórica ocorrem simultaneamente como partes de um mesmo

processo recursivo, no qual cada evento analisado e submetido a comparações sistemáticas produz novas tensões, que serão resolvidas através do encaixe nas ideias já formuladas ou conduzirão a novas formulações, articulações ou mesmo à busca de novos conjuntos de dados através da amostragem teórica.

O texto fundador escrito por Glaser e Strauss em 1967 reúne os princípios norteadores que dão forma à Grounded Theory em sua versão clássica. Glaser havia sido aluno de Lazarsfeld e Merton na Universidade de Columbia, o que contribuiu para seus aportes sobre aspectos analíticos, entre eles o método das comparações sistemáticas. Através do Interacionismo Simbólico, que estudou com Blumer na Universidade de Chicago, Strauss contribuiu com legados do método etnográfico e com o entendimento de que a realidade, a sociedade e a subjetividade são construídas na interação social.

Nessas etapas iniciais, as questões sobre o envolvimento contínuo entre pesquisador e dados já estavam presentes, mas foram abordadas buscando-se a maior separação possível entre ambos, provavelmente em concordância com o contexto cientificista das Ciências Sociais na época. A suspensão das concepções prévias e o adiamento da revisão da literatura para uma etapa posterior à formulação da teoria fundamentada são princípios norteadores formulados na Grounded Theory clássica destinados a garantir a neutralidade do pesquisador.

Na versão clássica, o processo é conduzido pelo que Glaser e Strauss nomearam como “sensibilidade teórica”, uma combinação de habilidades e posturas que permitem ao pesquisador formular conceitos e articular uma teoria a partir dos dados. Em *The Discovery of Grounded Theory*, Glaser e Strauss já especificavam que a sensibilidade teórica incluiria uma inclinação pessoal e temperamental do pesquisador, assim como a habilidade para ter *insights* teóricos e, ao mesmo tempo, capacidade para fazer algo com os *insights* (Glaser e Strauss, 1967). Tinham-se, assim, o homem e o teórico. Nesta formulação, as categorias deveriam emergir dos dados através de um processo indutivo.

Mais adiante, Strauss e Corbin definem a sensibilidade teórica como uma qualidade do pesquisador que indica atenção para as sutilezas de significado dos dados (Strauss e Corbin, 1998), chamando a atenção para o fato de que os conhecimentos e experiências prévias relevantes estarão necessariamente presentes, e em diferentes graus, e destacando ainda que os recursos para o processo são adquiridos ao longo da vida, não apenas na literatura e no âmbito teórico, mas também nas experiências biográficas. Dá-se mais um passo, assim, na inclusão do pesquisador como sujeito.

Avançando na inclusão do pesquisador, Charmaz define explicitamente que o método presente na Grounded Theory é o método abduutivo, já implícito em Strauss e

Corbin (1998). A esse respeito, busca as raízes pragmatistas, trazendo para o primeiro plano a importância da linguagem, do significado em uso e da ação. A forma de raciocínio evocada, escreve, é o método abduutivo, “pois a Grounded Theory inclui o *raciocínio* sobre a experiência para fazer conjecturas teóricas e verificá-las, posteriormente, através de novas experiências” (Charmaz, 2006).

Em parte, as discussões em torno da cisão na Grounded Theory entre a abordagem clássica e as revisões construcionistas que seguiram o Interacionismo Simbólico refletem um debate entre a indução e a abdução e sobre como o homem conhece o mundo e a si mesmo. Contudo, retomando de Peirce não somente suas formulações sobre abdução, mas também suas ideias sobre o processo de pensamento e sobre como conhecemos o mundo que habitamos, podemos entender a abdução como uma interação na qual as informações presentes nos dados produzem efeitos no pesquisador, possibilitando inferências e conjecturas fundamentadas no contexto.

Na teorização, inferências e *insights* são frutos do acionamento da sensibilidade teórica, que não é um apêndice ou prótese, mas parte integrante da rede que é o pesquisador em comunicação com os dados e as informações de que dispõe. Comunicação que é tentativa, probabilística e aproximativa, e sempre performativa (Braga, 2010). A metáfora da subjetividade-rede proposta por Rorty ajuda a formular um entendimento de como operam a abdução e a sensibilidade teórica, um entendimento que pode ser útil para que o pesquisador se aproprie de suas posturas, seja sujeito, articulado e consciente, da condução de um processo que lhe permitirá produzir formulações interpretativas, que ultrapassem os limites da descrição ou relato de atos e fatos<sup>3</sup>.

### Crenças: as semicadências anunciando uma direção

Em *How to Make Our Ideas Clear* (1878), C. S. Peirce escreve que a melhor lição que poderíamos obter do pensamento lógico é que é preciso saber o que pensamos e como somos senhores de nossos próprios significados. Considerando que a única coisa que restava à epistemologia era precisamente o que Kant havia denominado “crenças pragmáticas”<sup>4</sup>, Peirce parte da impossibilidade de que

3 Charmaz (2006) discute em profundidade a importância da postura interpretativa como prática que possibilita a formulação de teorias fundamentadas.

4 Na busca pelos fundamentos do conhecimento verdadeiro, Kant havia compreendido que podemos agir, por vezes, com base em crenças que não são certas, e proceder acreditando que levam a um caminho acertado. A essas crenças Kant denominou “crenças pragmáticas”, concebendo-as como crenças contingentes, que formariam as bases para o uso efetivo de certos meios para atingir certos fins.

existam verdades fixas e crenças verdadeiras. Elabora a máxima pragmática na qual propõe que a verdade sobre uma crença recai exclusivamente nas consequências concebíveis sobre como prosseguir um caminho, deslocando o problema para o campo dos efeitos.

A máxima pragmática de Peirce foi revolucionária ao abandonar a meta platônica da filosofia fundamental. Ao lado de Heráclito, admite que não é possível ter certeza sobre as coisas, e com Darwin considera que as melhores crenças são aquelas que operam em favor da adaptação a um ambiente variável. Peirce era físico e, coerente com a prática científica, sua máxima antecipava a formulação positivista posterior de definição operacional (Leahey, 2000). A formulação de ideias na prática científica é uma formulação localizada no tempo e no espaço, e o pesquisador poderá adotar diferentes posições possíveis, mas necessariamente estará inserido na situação de pesquisa.

Assim como uma peça musical, escrita em partes, integrando os diferentes movimentos, modulações tonais e sistemas inter-relacionados que permanecem conectados entre as mesmas sensações, Peirce utiliza como metáfora o fio melódico para dizer que o pensamento é um sistema uno, cuja função e motivo é produzir crenças. As crenças, diz, são as semicadências<sup>5</sup> que fecham frases musicais na sinfonia intelectual. Partindo dos efeitos, diz que as crenças existem quando “nos vemos decididos a agir de determinada forma sob circunstâncias tais como as que nos fizeram hesitar” (Peirce, 1878).

As crenças, para Peirce, têm algumas propriedades que as distinguem de outros produtos. São coisas das quais temos consciência, que surgem como resultado da irritação produzida pela dúvida, e envolvem o estabelecimento, em nossa natureza, de regras para a ação, ou seja, hábitos cuja aplicação “envolve novas dúvidas e mais pensamento, ao mesmo tempo em que é ponto de chegada, e também novo ponto de partida para o pensamento” (Peirce, 1878).

A relevância desta discussão para a sensibilidade teórica está no fato de que tal irritação (ou mudança no estado de coisas) diante de estranhamentos aciona o processo de pensamento consciente, direcionando-o para novas buscas. Assim, a menos que seja possível agir a partir de algum hábito previamente adquirido na matéria em questão (em outras palavras, com base em uma crença sobre como são e como se devem conduzir as coisas), a alteração produzida pela dúvida desencadeará um processo de decisão. As crenças distinguem-se, assim, pelos diferentes modos de ação a que dão origem.

*O resultado final do pensamento é o exercício da volição, da qual o pensamento deixa de fazer parte; mas a crença é tão somente um estágio da ação mental, um efeito*

<sup>5</sup> Na harmonia musical, semicadência é uma cadência de passagem, que não se presta à definição inequívoca de uma tonalidade.

*sobre nossa natureza produzido pelo pensamento, que influenciará o pensamento futuro (Peirce, 1878).*

As implicações disto para o pesquisador são que as crenças são regras para a ação na medida em que se constituem em hábitos. Daí a importância de que no processo de análise e teorização mantenha-se uma atitude vigilante e aberta (Glaser e Strauss, 1967; Strauss e Corbin, 1998; Charmaz, 2006; Clarke, 2005), com capacidade para suportar a dúvida, a multiplicidade de pontos de vista e para colocar em xeque as respostas demasiadamente imediatas, que podem conduzir à reprodução automática de ações a partir de regras herdadas ou assumidas sem reflexão ou sem enraizamento no contexto, o que equivaleria a importar concepções prévias de forma não propositiva.

A sensibilidade teórica, como descrita na formulação clássica da Grounded Theory, pretende evocar principalmente a capacidade do pesquisador de acionar crenças teóricas. Nas reformulações posteriores, inclusive nas reformulações levadas a cabo por seus próprios fundadores, busca-se uma acomodação cada vez maior e mais explícita do envolvimento do pesquisador inteiro, com experiências e concepções prévias que, se usadas a serviço da pesquisa, passam a operar como recursos, e não como empecilhos.

A questão passa a ser, portanto, como usar as concepções e experiências prévias, bem como identificar aquilo que é pessoal para usá-lo, ou não, a serviço de uma teorização fundamentada e não como constritor ou desvio sistemático e inadvertido fruto de jogos recorrentes. O deslocamento para os efeitos e a aplicação que Peirce faz das ideias de Bain (1865) sobre a relação causal entre crenças e ação, unidos à concepção de subjetividade-rede como um efeito da linguagem, em Rorty (1989), proporcionam um caminho útil, flexível e crítico para o pesquisador.

### **Pesquisador: sujeito-rede em interação**

A interface que temos os humanos para interagir com o meio e dar sentido à experiência é a linguagem. Em *Contingência, ironia e solidariedade*, Rorty (1989) discorre sobre a insuficiência do projeto do idealismo alemão, desnaturalizando a ideia de verdade. Nenhuma verdade, nem sequer a verdade sobre a mente ou sobre a essência humana, pode existir sem a criação humana:

*O mundo existe, mas não as descrições do mundo. Só as descrições do mundo podem ser verdadeiras ou falsas. O mundo em si – sem o auxílio das atividades descritivas dos seres humanos – não pode sê-lo.*

Assumindo que a linguagem não é um meio para representar o mundo em sua essência para um sujeito cuja

essência está separada do mundo, Rorty estabelece uma teoria causal do conhecimento segundo a qual tudo o que podemos apreender da realidade, inclusive o que podemos saber de nós mesmos, é um efeito da linguagem. Isto não significa negar a existência da materialidade das coisas. Significa apenas que o mundo material que existe independentemente dos nossos estados mentais só ganha sentido através da linguagem.

A linguagem é, para Rorty<sup>6</sup>, tão somente uma habilidade natural que evoluiu com os seres humanos, um conjunto de marcas e sons articulados que permitem receber e responder discriminadamente a estímulos ambientais. Como organismo, o homem interage com o ambiente em relações de causa e efeito, dando sentido às suas experiências através de uma linguagem cotidiana, que não é ontologicamente superior a outras habilidades.

Ao eliminar definitivamente qualquer intermediário epistêmico, Rorty propõe que aquilo a que chamamos sujeito é um efeito de linguagem. Tomando de Davidson (1982) a formulação holística de que “ser uma pessoa” é ser um “conjunto coerente e plausível de crenças e desejos”, Rorty (1989, 2002) utiliza a ideia de rede como metáfora para teorizar um sujeito que se redescreve continuamente em interação com o meio, num movimento de autoenriquecimento. As crenças aqui, novamente, são tomadas como regras para a ação como proposto por Bain (1865) e retomado em Peirce (1878). Desejos não são tomados no sentido pulsional da teoria psicanalítica freudiana, mas como motores da conduta propositiva, equivalentes à intenção.

Crenças e desejos operam em pacotes (Davidson, 1992), sendo que por vezes um pacote alternativo àquele que nos parece familiar opera como causa das nossas ações. O sujeito, para Rorty, “é a parte da rede de crenças e desejos que deve ser postulada como causa interior do comportamento linguístico de um organismo singular” (Rorty, 1996), comportamento linguístico que dá sentido ao mundo e conduz ações. Crenças e propósitos dos quais somos conscientes são razões que operam como causas das ações. Porções ou feixes, como propõe Rorty (2002) com Davidson, que não nos são familiares, mas operam como causas de nossas ações, não são razões.

Pode-se esperar que o pesquisador, num processo abduutivo, seja sujeito das decisões e ações desencadeadas a partir dos efeitos de sua interação com os dados, e que as crenças e propósitos que operam na sensibilidade teórica de que falam Strauss e Glaser sejam causas e razões, e não causas que não são razões. Dizíamos antes que a sensibilidade teórica não é um apêndice ou uma prótese.

<sup>6</sup> Ao tratar a interação empírica no mundo como uma interação linguística, Rorty reúne um amplo espectro de abordagens filosóficas. No que diz respeito à linguagem, caminha com Wittgenstein e resgata o pragmatismo fundador de Peirce, James e Dewey, mas abre também caminho para a filosofia analítica de Quine, Sellars e Davidson.

Integremo-la aqui como um jogo específico de condução praticado pelo sujeito-rede que é o pesquisador, um jogo que exige integrar e nomear as causas e razões, abrindo, assim, a possibilidade de escolher entre as que são úteis para os propósitos em pauta. Um jogo que é recursivo, durante o qual o pesquisador se atualiza continuamente, modificado pela interação, construindo ao longo do processo uma sensibilidade teórica cada vez mais articulada com o problema.

Nesse processo, as irritações de que nos fala Peirce são portas de acesso para o que é novo, para transformações que darão lugar a novas construções de sentido. São também portas de acesso para aquilo que opera em silêncio, pois a ausência de irritação faz suspeitar que podem operar automatismos, o que exige reflexão. Aqui, a identificação e nomeação dos efeitos e das concepções prévias permite que o pesquisador utilize aquilo que carrega consigo não como prescrições, mas como instrumentos sensibilizadores. Ao contrário das concepções fechadas e definitivas, os “conceitos sensibilizadores”, como propunha Blumer, “proporcionam ao usuário um sentido geral de referência e orientação na aproximação às instâncias empíricas” (Blumer, 1954). Não servem, portanto, como conceitos fechados e verdades universais, mas como instrumentos comunicantes.

### Sensibilidade teórica em articulação com fragmentos dos vídeos

Conteúdos intensos e apelativos tendem a capturar ou afastar. Os vídeos *funk* de apologia do crime utilizados na pesquisa mencionada neste artigo oferecem conteúdos com grande carga afetiva, alguns fortemente aversivos e ameaçadores, outros humanamente cativantes. São os jogos relacionais que operam entre os vídeos e quem assiste a eles, neste caso, o pesquisador. O apelo dos jogos não é apenas verbal: inclui a situação completa, todo um sistema de significações enraizado em contextos particulares, situados no espaço e no tempo.

Na interação com outras pessoas, é possível indagar para confirmar se entendemos corretamente o que o outro propõe. É possível verificar se os jogos de sentido que supomos que estejam sendo propostos são realmente aqueles que o interlocutor nos propõe. Em materiais mediados, como é o caso aqui, não. A interlocução ocorre entre o pesquisador e os vídeos, sem a possibilidade de fazer verificações com o outro. O pesquisador decide, na interação com os dados, de que lugar, como e para que conduzir o processo de determinada forma<sup>7</sup>.

<sup>7</sup> A ideia da decisão sobre como seguir no processo conversacional a partir da nomeação dos efeitos, aqui transposta para a interação entre pesquisador e situação de pesquisa, só foi possível graças às sessões de estudo e de supervisão de clínica psicológica conduzidas

Como característica do gênero *funk*, mas também como reflexo da produção rudimentar, vocalizações de fundo, pancadas e sons criam nos vídeos a atmosfera muitas vezes sem melodia, em células sonoras mínimas, como num mantra sinistro. Explosões, pancadas, rajadas de metralhadora e tiros de morteiro especificam o contexto de conflito. Reproduzidos ou simulados, estão presentes produzindo efeitos, *irritações* que podem ser constrangedoras e, por vezes, contagiantes. Esses elementos fazem parte de uma dada materialidade que não pode ser ignorada por sua força, devendo ser codificados.

Os mapeamentos situacionais propostos por Clarke (2005), realizados logo no início em sua forma não organizada, propiciaram o contorno necessário para que esses elementos, juntamente com o texto, possibilitassem a construção empírica da situação. Nos mapas situacionais, elementos humanos e materiais são relacionados, de forma que o contexto é representado de forma enraizada. Os jogos de sentido, fortemente apelativos nesses vídeos, podem, então, ser codificados tendo-se como quadro a situação empiricamente construída. Assim, jogos de empoderamento baseados no poder de fogo das armas ou no poder econômico do dinheiro proveniente do tráfico ou de roubos contrastam com o ambiente precário e com a fragilidade dos relatos biográficos, por exemplo.

O vocabulário, quase hermético, repleto de gírias e de metáforas, é outro aspecto com grandes implicações para o envolvimento do pesquisador discutido aqui. O mundo do crime, e mais especificamente o mundo do crime nos *comandos*, utiliza uma linguagem muito particular, que não pode ser interpretada com uma matriz externa. O sentido das palavras, construído no uso e nas práticas cotidianas, só pode ser interpretado a partir do envolvimento em jogos de sentido que o pesquisador supõe propostos, com força suficiente para atrair ou mesmo cooptar o interlocutor. Essas suposições podem servir de heurísticos de acesso, mas precisam ser desempacotadas tendo-se em conta os efeitos que produzem, utilizando como contenção a situação empiricamente construída.

Na codificação inicial, usar vocabulário nativo oferece caminhos mais seguros do que as nomeações externas, baseadas em teorias e concepções prévias. As nomeações provenientes de concepções teóricas podem ser úteis no momento em que a análise solicitar articulações mais abstratas, quando as ferramentas de que o pesquisador dispõe (entre elas, sensibilizadores teóricos) forem evocadas. Em qualquer caso, ainda assim é importante que esse uso seja articulado com o problema. Uma concepção de subjetividade essencialista poderá ter escassa utilidade, por exemplo, onde forças contextuais conduzem a ambiguidades nas apresentações identitárias, como as oscilações

entre vítima, soldado, empresário ou bandido, presentes nos vídeos.

Tomemos como exemplo alguns fragmentos do vídeo *Mente firme e coração blindado* (2011)<sup>8</sup>, no qual o couraçado chama para o confronto. A metáfora “com a mente firme e o coração blindado” propõe um jogo baseado num processo de preparação e disposição que está presente nos elementos materiais e humanos reunidos nos mapas situacionais construídos empiricamente, como a atuação dos *comandos* e o recrutamento de crianças para o tráfico. O couraçado, irreduzível, caminha com o peito nu e com chinelo nos pés em ambientes com esgoto a céu aberto, como mostram cenas cotidianas nesse vídeo em particular, com fuzil e morteiro nas mãos. Tem-se, aqui, um jogo intenso e imbricado.

Ficar capturado num jogo específico ou rejeitá-lo intensamente é um elemento informativo importante que o pesquisador deve desentranhar. Tomemos aqui como exemplo o discurso de vitimização que pede redenção da conduta fora da lei como algo inevitável (chamemos isto de “redenção pelo destino”). Captura ou gera rechaço? Se captura, o faz pela gravidade da situação, pelo apelo discursivo e simbólico, ou porque evoca algum episódio biográfico? Se produz rechaço, o faz por questões morais, teóricas, pessoais? Que caminhos tomará o pesquisador em sua atribuição de sentido?

Posicionamentos extremos como rechaço e captura precisam ser analisados com cuidado porque são sinais de possível cooptação, podendo também ser portas importantes para a busca de novos conjuntos de dados que permitam delimitar melhor o fenômeno ou uma categoria. O caminho que o pesquisador escolherá dependerá de como se imbricou nos tramados relacionais em que se envolveu durante a análise e da nomeação desses tramados. A nomeação é fundamental porque é através dela que o efeito percebido na interação aciona pacotes de crenças e ganha sentido.

As possibilidades sobre como prosseguir diante de uma “irritação” são contingentes. Perguntar-se “para que” seguir por um caminho ou outro ajudará o pesquisador a conduzir o trabalho com decisões conscientes e articuladas com o problema. Pensemos se a crença na Lei como meio para separar o que é certo do que é errado pode ser útil no exemplo que temos em mãos. Útil para que e para quem? Isso pode ser especialmente importante quando o problema de pesquisa reserva forte carga moral ou afetiva, podendo envolver o pesquisador não apenas no aspecto teórico.

Perguntar-se “para que” ou “por que” seguir um dado caminho produz efeitos muito diferentes<sup>9</sup>. “Por que” re-

8 Clipe disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=NIW\\_92js\\_wY](https://www.youtube.com/watch?v=NIW_92js_wY). Acesso em: 13/06/2014.

9 Em comunicação pessoal, Neyde Bittencourt Araújo me ajudou a construir esta distinção, bem como a importância da nomeação a partir dos efeitos.

por Neyde Bittencourt Araújo e Naira Morgado em grupos de formação continuada em estudos pragmáticos.

mete a razões, razões que, muitas vezes, são tomadas apressadamente de repositórios disponíveis como crenças socialmente compartilhadas, prescrições éticas e morais. Crenças, dizíamos, são regras para a ação e se distinguem pelos diferentes modos de ação que disparam.

“Para que”, diferentemente, remete à intenção de quem decide e age, provocando respostas locais, propositivas e, portanto, enraizadas. Ajuda a manter a vigilância na tomada de decisões. É possível, para não dizer provável, que essas respostas acionem razões com as quais não estamos familiarizados ou das quais não somos totalmente conscientes. E esse é o ganho, de fato, pois é na busca de compreensão pelos efeitos que se pretende gerar que podemos localizar operadores automatizados, que nos conduzem em silêncio, como preconceitos, formulações morais, teorias ingênuas herdadas, que, quando aparecem na interpretação dos dados, adicionam informação, tom, valência.

Se a nomeação do efeito “redenção pelo destino” conduz o pesquisador para o mundo da redenção ou da responsabilização individual sem mais, correrá o risco de paralisar o sujeito de sua análise na impossibilidade de lutar contra o destino ou na solidão da responsabilidade descolada do contexto. O primeiro, redimido. O segundo, condenado por suas debilidades. Ambos cristalizados e destituídos da capacidade de serem agentes de sua biografia. Pode-se ver, aqui, que a simples nomeação como vítima ou responsável pela escolha da carreira no crime carrega pacotes densos de suposições e crenças que o pesquisador terá que usar de forma articulada, e não automática.

Na interlocução que se dá entre o pesquisador e os dados, é preciso lidar com o acionamento de sensibilizadores prévios, afetos, crenças, os propósitos da pesquisa, e inclusive com a tendência a que um desses elementos predomine sobre outros em diferentes momentos. A sensibilidade teórica na Grounded Theory apresenta-se, assim, como uma ferramenta complexa, cujo uso refinado dependerá da articulação constante do pesquisador (teórico e sujeito) com o problema, com os objetivos da pesquisa e com os recursos de que dispõe.

## Conclusão

Ao se referir ao pensamento, Peirce utiliza uma metáfora: a de uma linha melódica, que percorre a sucessão de sensações. Não é assunto destas reflexões discutir a natureza do pensamento e nem os avanços que a Psicologia contemporânea fez a esse respeito. O que nos interessa aqui é que o pensamento, independentemente de substância ou estrutura, é um fluxo cuja trajetória depende dos efeitos produzidos na interação com o meio. Quando nos vemos afetados por algo, crenças, cognições, lembran-

ças, afetos são acionados, ainda que nem sempre de forma consciente e articulada.

A importância de se dispor ainda que seja de uma metáfora sobre como discorre o pensamento, e de como se é sujeito agente do fluxo de ideias quando se está num processo de conceitualização e formulação teórica, é inegável. Constitui o primeiro passo para conduzir, ou mesmo para se deixar conduzir, de forma atenta, vigilante e consciente e poder “parar, ponderar e repensar de novas maneiras” (Charmaz, 2006), ou seja, para poder teorizar.

Retomemos de Peirce a ideia de pensamento como congruência na sucessão de sensações, onde o pensamento se apresenta com começo, meio e fim, e as sensações são mudanças de estados pontuais. Consideremos ainda, como Peirce tomou de Bain, que crenças são regras para a ação na medida em que supõem hábitos. E consideremos que, diante dos efeitos que qualquer evento ou incidente produza em nós, os sujeitos-rede de crenças e desejos de Rorty, tenhamos que aplicar crenças previamente elaboradas, ou elaborar novas crenças a partir de novos processos de pensamento. Esse movimento recursivo, baseado nos efeitos produzidos e não em regras apriorísticas, nos dá pistas para o uso refinado da sensibilidade teórica.

Da maneira como é usada no âmbito da Grounded Theory, a sensibilidade teórica equivale ao uso criativo e articulado de crenças e decisões. Poderíamos propor que a sensibilidade teórica responderá à maneira como, a partir dos efeitos produzidos pela interação do pesquisador com a situação de pesquisa, crenças, propósitos, dúvidas e afetos são articulados, desencadeando causas para nossas ações e que conduzirão a pesquisa. Causas que, idealmente, possam ser identificadas como razões conscientes, como propõe Davidson. Identificar qual foi o movimento que conduziu à decisão, que mudanças de estado (efeitos) a antecederam e que elementos entraram em jogo dará ao pesquisador condições de seguir adiante de maneira propositiva, responsabilizando-se e agenciando-se continuamente de suas decisões e formulações.

## Referências

- ADORNO, S.; SALLA, F. 2007. Criminalidade organizada nas prisões e os ataques do PCC. *Revista de Estudos Avançados*, 21(61):7-29.
- BAIN, A. 1865. *The Emotions and the Will*. London, Longman & Green. Disponível em: <https://archive.org/details/emotionsandwill03baingoog>. Acesso em: 13/06/2014.
- BIONDI, K. 2010. *Junto e misturado*. São Paulo, Terceiro Nome, 245 p.
- BLUMER, H. 1954. What is Wrong with Social Theory? *Sociological Review*, 19(1):3-10, Feb.
- BRAGA, J.L. 2010. Nem rara, nem ausente – tentativa. *MATRIZES*, 4(1):65-81.

- CHARMAZ, K. 2006. *Constructing Grounded Theory: A Practical Guide Through Qualitative Analysis*. London, Sage, 208 p.
- CLARKE, A. 2005. *Situational Analysis: Grounded Theory after the Postmodern Turn*. San Francisco, Sage, 408 p.
- DAVIDSON, D. 1982. Paradoxos da irracionalidade. Trad. de Marco Antonio Frangiotti. In: R. WOLLHEIM, J. HOPKINS (org.), *Philosophical Essays on Freud*. Cambridge, Cambridge University Press, p. 289-305.
- FELTRAN, G.S. 2011. *Fronteiras de tensão: política e violência nas periferias de São Paulo*. São Paulo, Editora Unesp, 256 p.
- GLASER, B.; STRAUSS, A. 1967. *The Discovery of Grounded Theory: Strategies for Qualitative Research*. New Jersey, Aldine Transaction, 271 p.
- GLASER, B. 2004. Remodeling Grounded Theory. *Forum: Qualitative Social Research*, 5(2):s.p. Disponível em: <http://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/607/1315>. Acesso em: 13/06/2014.
- LEAHEY, T.H. 2000. *Historia de la Psicología*. Pearson Educación, 544 p.
- MATOS, H. 2009. O lado escuro do capital social: implicações sociais e políticas. *Libero*, 12(23):53-62.
- MENTE firme e coração blindado (clipe). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=NIW\\_92js\\_wY](https://www.youtube.com/watch?v=NIW_92js_wY). Acesso em: 13/06/2014.
- PEIRCE, C.S. 1878. How to Make Our Ideas Clear. *Popular Science Monthly*, 12:286-302. Disponível em: [www.peirce.org/writings/p119.html](http://www.peirce.org/writings/p119.html). Acesso em: 13/06/2014.
- RORTY, R. 1989. *Contingency, Irony and Solidarity*. New York, Cambridge University Press, 201 p.
- RORTY, R. 2002. Freud e a reflexão moral. In: R. RORTY, *Ensaio sobre Heidegger e outros: escritos filosóficos, vol. 2*. Rio de Janeiro, Relume Dumará.
- RORTY, R. 1996. *Objetividad, realismo y verdad: escritos filosóficos, vol. 1*. Barcelona, Paidós Básica, 301 p.
- STRAUSS, A.; CORBIN, J. 1998. *Basics of Qualitative Research: Techniques and Procedures for Developing Grounded Theory*. London, Sage, 312 p.

Artigo enviado em 14/06/2014.